

**PALHAÇOTERAPIA: A EMPATIA E SEUS REFLEXOS NA
FORMAÇÃO EM SAÚDE PELA ANÁLISE DAS REAÇÕES DOS
PACIENTES DURANTE ATUAÇÕES**

**CLOWN THERAPY: THE EMPATHY AND ITS REFLEXES IN THE
FORMATION IN HEALTH BY THE ANALYSIS OF PATIENTS'
REACTIONS DURING ACTUATIONS**

**LA PAYASOTERAPIA: LA EMPATÍA Y SUS REFLEJOS EN LA
FORMACIÓN EN SALUD POR EL ANÁLISIS DE LAS REACCIONES
DE LOS PACIENTES DURANTE ACTUACIONES**

Davi Rios do Nascimento¹
Yasmin Folena Araújo²
Monica Lopes Folena Araújo³

RESUMO

Os clowns surgem como especialização do trabalho do palhaço. Eles não são nem terapeutas nem palhaços comuns e necessitam de uma grande percepção do ambiente e do outro para, a partir disso, improvisar. Clowns geralmente trabalham em duplas, com o objetivo de haver sempre um estímulo do “jogo” – uma expressão terna usualmente utilizada para seu desempenho com seu parceiro e com os pacientes, acompanhantes e profissionais que atuam nos hospitais –, além de proporcionar ao indivíduo a liberdade para participar ou não do jogo. Diante disso, é necessário que o clown utilize diversos mecanismos para fazer “fluir o jogo”, além de poder ser capaz de alcançar o paciente, o acompanhante ou o profissional da saúde. Para tal, é essencial que o clown aprenda a utilizar de uma ferramenta extraordinariamente poderosa nas relações humanas: a empatia. Esse texto tem por objetivo relatar experiências de estudantes de Medicina que atuam como clowns quanto ao exercício de empatia praticado diante das diversas reações das pessoas-alvo de suas atuações no ambiente hospitalar, caracterizando, então, a relação direta entre a palhaçoterapia e seus atuantes e as capacidades intrínsecas à empatia, que podem ser desenvolvidas através de um exercício contínuo.

Palavras-chave: Palhaçoterapia. Empatia. Clown.

ABSTRACT

Clowns emerge as specialization of clown work. They are neither therapists nor ordinary clowns and require a great perception of the environment and the other to, this way, improvise.

¹ Graduando em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Pernambuco. Voluntário do projeto de extensão “Unidade de Palhaçada Intensiva”. E-mail: davi_riosn@hotmail.com.

² Graduanda em Medicina pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, Pernambuco. Voluntária do projeto de extensão “Unidade de Palhaçada Intensiva”. E-mail: folenayasmin@gmail.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências na Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: monica.folena@gmail.com.

Clowns generally work in pairs with the objective of always having the “stimulation of the “game” ” - a kind expression usually used for his/her performance with his/her partner and also with the patients, the patient’s companions and professionals working in hospitals-, besides providing the individual the freedom to be a part or not of the game. This way, it is important that the clown uses several mechanisms to “make the game flow”, besides being capable of reaching the patient, the patient’s companion or the health professional. To this end, it is essential that the clown learns how to use an extremely powerful tool in human relationships: empathy. This text aims to report experiences of Medicine students who act as clowns related to the empathic exercise practiced, facing multiple responses from people during clown acting in hospitals, featuring, then, the direct relation between clown therapy and its acting clowns and empathy’s intrinsic capabilities, which may be developed through a continuous exercise.

Keywords: Clown therapy. Empathy. Clown.

RESUMEN

Los clowns surgen como especialización del trabajo del payaso. Ellos no son ni terapeutas ni payasos comunes y necesitan una gran percepción del ambiente y del otro para, a partir de eso, improvisar. Los payasos generalmente trabajan en dobles, con el objetivo de Haber un estímulo del "juego" - una expresión utilizada para su desempeño con su pareja y con los pacientes, acompañantes y profesionales de los hospitales -, además de proporcionar al individuo libertad para participar o no del juego. Por eso, es necesario que el clown utilice diversos mecanismos para hacer "fluir el juego", además ser capaz de alcanzar al paciente, al acompañante o al profesional de la salud. Para ello, es esencial que el clown aprenda a utilizar una herramienta extraordinariamente poderosa en las relaciones humanas: la empatía. Este texto tiene por objetivo relatar experiencias de estudiantes de Medicina que actúan como clowns en cuanto al ejercicio de empatía practicado ante las diversas reacciones de las personas objetivo de sus actuaciones en ambiente hospitalario, caracterizando entonces la relación directa entre la payasoterapia y sus actantes y las capacidades intrínsecas a la empatía, que pueden desarrollarse a través de un ejercicio continuo.

Palabras clave: Payasoterapia. Empatía. Clown.

INTRODUÇÃO

Em caráter nacional, o Sistema Único de Saúde (SUS) toma, em sua cartilha referente à Política Nacional de Humanização (HumanizaSUS), a “Humanização como estratégia de interferência no processo de produção de saúde, levando-se em conta que sujeitos sociais, quando mobilizados, são capazes de transformar realidades transformando-se a si próprios nesse mesmo processo” (BRASIL, 2004). Essa concepção surge quando se dissemina uma percepção da necessidade de mudanças no âmbito do atendimento e das relações interpessoais na área da saúde.

Nesse contexto de mudanças, surge uma abertura para projetos que visam promover o

desenvolvimento da saúde para além do aspecto clínico e o bem-estar dos pacientes em situação hospitalar. Dentre essas práticas, a palhaçoterapia, inspirada a partir da divulgação do trabalho de Patch Adams na América Latina, além dos trabalhos do Clown Care Unit (Nova York) e de Le Rire Médecin (Paris). De acordo com Marinho (2015), os mesmos têm por objetivo melhorar a situação psicológica de populações em risco, principalmente das crianças, e atuar como promotores de saúde, além de contribuir para um cuidado inter e multidisciplinar, construir espaço onde os profissionais possam dar liberdade para expor a sua criatividade, estimular a manifestação da imaginação da criança e o desenvolvimento de sua autonomia e encurtar os espaços entre os diversos atores dos ambientes de saúde, tendo a alegria como instrumento e o palhaço como intérprete.

Desde os tempos antigos, a figura do palhaço está vinculada à ideia de regeneração, alegria, transformação e mágica. Através da cultura dos povos, os palhaços têm sido associados ao bem-estar da sociedade e às artes da cura. O palhaço é a personificação da esperança diante da desesperança, e possibilidade diante do impossível (HENDERSON, 2005, tradução livre).

Ainda, ele é nosso bode expiatório, “ele quem leva a tapa”, sofrendo cada indignidade que a mente humana pode conceber. Ele é nosso alter ego, vicariamente expressando os desejos não falados que nunca poderíamos esperar agir de acordo na realidade. Ele é nosso crítico, trespassando nossas hipocrisias culturais com farpas bem apontadas. E ele é nosso curador, possibilitando-nos rir de realidades que poderiam muito facilmente nos fazer chorar (CLINE, 1983, tradução livre).

Os clowns⁴ surgem como especialização do trabalho do palhaço. Eles não são nem terapeutas nem palhaços comuns e necessitam de uma grande percepção do ambiente e do outro para, a partir disso, improvisar. Clowns geralmente trabalham em duplas, com o objetivo de haver sempre um estímulo do “jogo” – uma expressão terna usualmente utilizada para seu desempenho com seu parceiro e com os pacientes, acompanhantes e profissionais que atuam nos hospitais –, além de proporcionar ao indivíduo a liberdade para participar ou não do jogo.

Diante disso, é necessário que o clown utilize diversos mecanismos para fazer “fluir o jogo”, além de poder ser capaz de alcançar o paciente, o acompanhante ou o profissional da saúde. Para tal, é essencial que o clown aprenda a utilizar de uma ferramenta

⁴ Termo utilizado para uma das especializações dos palhaços que atuam em hospitais.

extraordinariamente poderosa nas relações humanas: a empatia.

Segundo Rogers e Rosenberg (1977), empatia significa adentrar a percepção de mundo do outro, sentindo-se totalmente confortável dentro dela. É necessário que o indivíduo empático se disponha a vivenciar as mudanças que se apresentam ao outro e perceba como ele se sente quanto a elas, encontrando assim seus significados às emoções e vivências, sejam elas quais forem. Temporariamente, vive-se a vida do outro, participando dela sem julgamentos e percebendo os significados que ele/ela quase não percebe, evitando revelar sentimentos dos quais a pessoa não possui consciência, dada a ameaça que isso poderia significar.

Resulta, então, na transmissão da maneira como o indivíduo sente o mundo dele/dela ao analisar, sem influência pessoal e sem medos, os temores da pessoa. Frequentemente, resulta na avaliação precisa com o outro do que ele sente e, dessa forma, pode-se se guiar pelas respostas alcançadas. Tudo isso gera uma confiança naquele que está com o seu mundo interior exposto e, ao mostrar e discutir os significados de suas experiências torna-se possível que haja uma ajuda na focalização deste ponto de referência, uma prática mais plena desses significados e uma progressão na sua vivência. Ser empático é, então, deixar de lado por um momento seus próprios pontos de vista e valores para entrar no universo do outro sem pré-julgamentos, deixando de lado, de certo modo, o seu próprio eu.

Assim, a empatia é progenitora de infinitas possibilidades: a partir do momento em que se há o intuito de explorar o ser humano, de compreendê-lo em todo contexto e em todas as suas dimensões, e de, diante disso, se deixar transformar e transformá-lo a partir dessa viagem em seu mundo completamente novo e desconhecido, mantendo e respeitando sua essência e valores, têm-se como resposta não necessariamente a alegria e o sorriso em todas as viagens realizadas, mas, genuinamente, ter-se-á o respeito mútuo. A partir desse princípio, caberá, então, ao eterno viajante da alegria e ao narrador de seu mundo criar únicas e infinitas viagens.

Diante do exposto, esse texto tem por objetivo relatar experiências de estudantes de Medicina que atuam como clowns quanto ao exercício de empatia praticado diante das diversas reações das pessoas-alvo de suas atuações no ambiente hospitalar.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência de dois estudantes de Medicina e integrantes de um projeto de extensão universitária em palhaçoterapia para estudantes da área da saúde da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), denominado Unidade de Palhaçada Intensiva. Os discentes interessados em participar do projeto passam por processo seletivo e, após ingressarem, passam por uma formação de 48 horas de iniciação em técnicas de clown para que possam então iniciar as atuações, que ocorrem semanalmente, em ambiente hospitalar.

As situações relatadas ocorreram ao longo do período 2016.1 – abril a agosto – de atuação no Hospital Universitário da UNIVASF, localizado na cidade de Petrolina, interior de Pernambuco, sendo relatos de práticas pessoais dos autores, sob os pseudônimos de Michel Michelin e Frida Tequila⁵, podendo, alguns deles, ser encontrados no blog⁶ do projeto. Ambos os autores preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que seus relatos fossem expostos no presente trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A prática da palhaçoterapia, embora possua o intuito de, alguma maneira, produzir uma melhora na resposta tanto biológica e psicológica, quanto espiritual e social, seja do paciente, do seu acompanhante ou até mesmo dos funcionários do hospital, possui uma característica notória: o contato constante com o ser humano.

Tendo em vista que o homem é um produto multifatorial do ambiente em que está inserido, das relações estabelecidas entre ele e outros, e consigo mesmo, dos valores éticos e morais transmitidos por sua cultura, dentre outros, é perceptível que também há uma infinidade de respostas geradas por um único ser humano diante de alguma situação pela qual ele passa.

Isso se torna, pois, evidente em diversos momentos, dentre eles quando há o contato entre o clown e o indivíduo: um conjunto de imensuráveis reações pode provir dessa conexão, sejam atitudes de esperança, de alegria, de felicidade, de serenidade; ou mesmo de tristeza, de dor, de insegurança, de medo, de raiva, de repulsa.

⁵ Nomes de clown de Davi Rios do Nascimento e Yasmin Folena Araújo, respectivamente.

⁶ <http://univasfupi.blogspot.com/>

Diante disso, torna-se essencial ao clown o exercício da empatia e, em uma ação relativamente rápida, tentar interpretar as reações diante de si. Algumas dessas análises são apresentadas através dos relatos a seguir.

1º Relato:

“Foi só nos ver chegando aos poucos no quarto que seu olhar resplandeceu, e se abriram duas covinhas ao redor de um sorriso genuíno. O menino de aproximadamente oito anos estava em uma das camas do quarto, que abrigava outras camas com outros pacientes. Mas ele era a única criança daquele aposento. E também o único que teve tamanha alegria e entusiasmo ao nos ver entrar. Não foi diferente quando começamos a jogar com ele. Cada palavra dita ou gesto realizado era motivo de riso e entusiasmo, mesmo que fosse a coisa mais excêntrica feita ou dita.” (FRIDA).

Saliba et al. (2016), em seu estudo sobre a resposta fisiológica e psicológica das crianças à intervenção hospitalar de clowns, mostrou que há um retorno positivo das mesmas a essa intervenção. A avaliação do nível de cortisol salivar (marcador biológico de estresse), diminuído durante a atuação, e a escala analógica visual (medida psicológica de satisfação) revelaram que a presença do clown em contato com as crianças resulta em uma atenuação do estresse hospitalar e uma conseqüente melhora do processo de cicatrização.

É perceptível que, por algum motivo, crianças são mais solícitas quanto à abordagem de clowns em hospitais, de um modo geral. Elas parecem ser desimpedidas de tudo e qualquer coisa ou obrigação, diferente dos adultos, o que as faz livres e sem medo de ser o que quiserem. Com isso, expressam mais nitidamente seus sentimentos, o que mostra a sinceridade de suas ações. Ainda, fascinam-se com múltiplas alternativas, geradas através do contato com o clown. A partir desse elo formado, tudo se torna possível e, mais importante, elas acreditam que é possível, e modificam o seu redor de acordo com esse preceito. Assim, a mais esdrúxula ação de um clown será muito bem apreciada pelos olhos de uma criança, enquanto pode ser apenas imaginário para um adulto. O cantor e compositor brasileiro, Gonzaguinha, já dizia:

Eu fico com a pureza das respostas das crianças:
É a vida! É bonita e é bonita!
Viver e não ter a vergonha de ser feliz,
Cantar, e cantar, e cantar,
A beleza de ser um eterno aprendiz. (GONZAGUINHA, 1982)

2º Relato:

“Queríamos fazê-la sorrir, e ela não sorria. O que havia de errado? Perguntava-me o tempo inteiro. Fizemos piadas, ‘palhaçadas’, e a senhora permanecia inerte à nossa presença. Os olhos cansados. Nós, tensos, sem saber uma saída para aquela recepção apática à nossa abordagem alegre. O que havia de errado com ela? Não! Não havia nada de errado com ela. O que nós fizemos de errado, então? O que nos faltou naquele momento? Faltou-nos a empatia.” (FRIDA).

“A empatia pode gerar uma revolução. Não uma daquelas revoluções antiquadas, baseadas em novas leis, instituições ou governos, mas algo muito mais radical: uma revolução das relações humanas” (KRZYNARIC, 2015, p. 9).

O trabalho do clown nos hospitais não está necessariamente ligado a gargalhadas carregadas e pessoas constantemente felizes. O objetivo verdadeiro daquele que carrega o nariz vermelho no rosto é chegar à essência daquele que sofre, para que possa compreendê-lo e, assim, improvisar. Improvisar de diferentes formas, seja mudando o jogo, seja imitando um pé de banana, seja apenas escutando ou também deixando ir. Para que isso ocorra, é necessário que se perceba a pessoa que está à sua frente, que a compreenda diante das situações vividas por ela, respeitando-a de acordo com seus limites. Talvez tudo o que a senhora de tal relato quisesse era um fundo olhar nos olhos, ou um abraço fraterno. Uma apreciação mais dedicada do clown à sua análoga, ou seja, de forma empática, poderia ser agente de uma abordagem e respostas completamente diferentes.

Para além, a susceptibilidade de resposta emocional positiva dos pacientes à atuação do clown não é garantida. Devem-se levar em consideração as individualidades dos pacientes, principalmente quando relacionadas a experiências e respostas comportamentais, além da receptividade ao humor, como avaliado por Auerbach (2017). Logo, apesar de a maioria dos pacientes serem afetados positivamente, a empatia também se faz necessária na avaliação de reações negativas que podem gerar um retorno não benéfico aos indivíduos abordados e fugindo, assim, do objetivo principal da atuação.

3º Relato:

“Entramos no quarto. A dona Girassol (nome fictício), que acompanhava seu pai, estava quieta e nos olhava com frieza. Jogávamos com o senhor ao lado e em um dos momentos falei que eu tinha abandonado a Faculdade de Padres, mas que ainda era um padre. Ela me olhou e disse que ‘Se você é padre, reze’. Me surpreendi. Ela parecia séria e insistiu ‘Vamos! Quero ver você rezar’. Eu não sabia muito bem o que fazer, era uma das minhas primeiras atuações e eu não conseguia compreender aquele olhar. Ao meu lado, um dos meus companheiros me fitou com olhar de aprovação e disse ‘Ela precisa! Reze’. Como um padre, rezei. Ao final, percebi que ela segurava um terço. Deu um rápido sorriso sincero, sentou-se e voltou ao seu silêncio (MICHEL).

É necessário, para se garantir que haja uma atenção verdadeiramente empática, um reconhecimento das mensagens não verbais do outro e das emoções expressas através delas. Para Falcone (1999), essas mensagens se apresentam através de comportamento corporal (postura, movimentos), expressões faciais (sorrisos, elevação de sobrancelhas e lábios), relação voz-comportamento (tom, intensidade, inflexão, tempo entre as palavras), respostas autonômicas observáveis (respiração, rubor, palidez, dilatação da pupila), entre outros. É preciso uma avaliação geral da aparência do indivíduo.

Durante a atuação, os médicos palhaços devem adaptar suas técnicas para cada paciente, então é importante que os clowns tenham a capacidade de improvisar de acordo com a situação atual, com base na condição médica e psicológica de cada paciente (DIONIGI, 2018). Portanto, muito mais importante que o clown fazer o “seu jogo”, é avaliar a necessidade de quem está à sua frente, seguindo o roteiro que o paciente lhe der. A regra é clara: o paciente dita o jogo, então o mesmo não precisa ser engraçado, dinâmico o tempo todo. Se Girassol queria, necessitava de uma prece, nada mais justo que Michel lhe permitisse o direito de escolha e fizesse uma prece com ela.

Para o clown, então, aprender a “ler” o comportamento humano como um todo, para além das palavras e, até mesmo, dos olhares está relacionado diretamente à essência da empatia, da atenção empática. Ao não ter tal atenção, Michel não percebeu que Girassol precisava encontrar nos clowns a percepção de conhecer e compreender as suas prioridades, o que, para ela, era importante. Agir daquela forma, naquele momento, demonstrou uma compreensão acerca da individualidade daquela mulher e, conseqüentemente, da

individualidade de cada pessoa.

4º Relato:

“Eu e Frida entramos no quarto, havia algumas pessoas. Entre elas um homem com um sorriso meio triste. Aproximamo-nos, queríamos conhecê-lo. Ele contou sua história de vida, mas continuava com aquele sorriso meio sem jeito. Foi então que sua mulher nos contou o motivo. Ele tá triste porque perdeu o dedão num acidente. Não sei o que me deu. Vi naquilo um momento de mostrar que estávamos ali para muito mais. E aqueles olhos dele de quem precisava de um estímulo, me ajudaram a seguir em frente. ‘Pense! Se um cara que perdeu o mindinho se tornou presidente, imagine você que perdeu o dedão?’ Fiquei receoso, mas... ELE RIU! E me respondeu que o dedão tem utilidade. Aí começou a sequência. ‘Poderia ser pior. Se você perdesse o dedo do meio, nunca mais iria oferecê-lo a quem não gosta.’ Eu disse. Frida entrou na brincadeira. ‘Pior ainda. Se você perdesse o indicador, nunca mais iria poder tirar a cobertura do bolo de aniversário.’ Nessa hora ele já estava com um sorriso de orelha a orelha e dessa vez sincero. ‘Se você perdesse o segundo dedo, sua mulher lhe mataria por causa da aliança.’ ‘Se você perdesse o mindinho, nunca mais ia poder tirar cotoco do nariz.’ Ele teve uma crise de risos e disse que tirava com o dedão e que precisaria de ajuda da esposa agora, o que não seria tão ruim.” (MICHEL).

Em uma relação de empatia, é essencial a capacidade de verbalizar sensivelmente aquilo que é compreendido. Essa compreensão empática resulta em um encorajamento do outro para que ele passe a explorar suas preocupações de maneira mais completa. Segundo Falcone (1999), essas estratégias de verbalização empática tentam explicar e validar os sentimentos e perspectivas da outra pessoa, sem julgamentos, além de relacionar o seu contexto junto a esses aspectos.

Dessa forma, o papel do palhaço dá ainda aos adultos permissão para serem brincalhões e expressarem toda sua gama de emoções, como aferido por Gordon, Shenar e Pendzik (2018). O que era uma notícia extremamente desagradável e triste para o homem que perdeu seu dedo pôde ser transformada em uma realidade vista por outros parâmetros, que não escondem a realidade do paciente, mas, ao mesmo tempo, conseguem tornar a dor e a perda menos penosas para o paciente. O papel do palhaço foi, neste momento, mostrá-lo que poderia rir de seus medos e frustrações, transformá-los em brincadeiras e perceber sua situação por diversos outros pontos de vista.

Assim, interpretar o comportamento do outro permite perceber uma necessidade de verbalizar o sentimento gerado a partir desse reconhecimento. Uma dessas verbalizações é apresentada na forma da piada, do riso, do reformular a situação-problema. Não é sempre que isso é possível e abre um precedente perigoso: o risco de banalizar a situação, de não torná-la menor, mas inferiorizá-la e ridicularizá-la, desvalorizando a perspectiva da outra pessoa acerca do problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caracteriza-se, então, a relação direta entre a palhaçoterapia e seus atuantes e as capacidades intrínsecas à empatia. Há uma necessidade de construção e evolução, por parte do clown, dessas capacidades, relacionadas diretamente ao ouvir, ao sentir e ao agir. Essas habilidades, desenvolvidas através de um exercício contínuo, foram apresentadas ao longo do texto. Há de se concordar, porém, que vão muito além das descritas, podendo ser desenvolvidas não apenas por técnicas específicas, mas também ao longo da vida de cada indivíduo, enquanto ser de uma construção social. A empatia vem sendo então essencial nas relações pessoais da sociedade atual, que tem valorizado cada dia mais a habilidade de compreensão do pensar, sentir e agir do outro e, principalmente, a habilidade de transcender essa compreensão através dos próprios pensamentos, sentimentos e ações.

Para os estudantes e profissionais da saúde, em especial, a atenção empática torna-se mecanismo primordial do desenvolvimento profissional no que tange a evolução positiva tanto na relação profissional-paciente quanto do paciente com a percepção da doença e do seu prognóstico. Nesse contexto, a palhaçoterapia apresenta-se como um instrumento direto de desenvolvimento da atenção empática, com efeitos positivos nos indivíduos que a praticam, resultando, conseqüentemente, em uma evolução pessoal e, nesse caso, profissional satisfatória.

REFERÊNCIAS

- AUERBACH, S. Are clowns good for everyone? The influence of trait cheerfulness on emotional reactions to a hospital clown intervention. **Frontiers in psychology**, v. 8, n. 13, 2017. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2017.01973/full>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- BRASIL. **HumanizaSUS**: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS / Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- CLINE, P. **Fools, Clowns and Jesters**. Chicago: Green Tiger Pr, 1983.
- DIONIGI, Alberto. Healthcare clowning: use of specific complementary and alternative medicine for hospitalized children. **OBM Integrative and Complementary Medicine**, v. 3, n.2, p. 1-12, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Alberto_Dionigi/publication/325511388_Healthcare_Clowning_Use_of_Specific_Complementary_and_Alternative_Medicine_for_Hospitalized_Children/links/5b1537500f7e9b498109a02d/Healthcare-Clowning-Use-of-Specific-Complementary-and-Alternative-Medicine-for-Hospitalized-Children.pdf. Acesso em: 30 mar. 2019.
- FALCONE, E. A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. **Rev. Bras. Ter. Comport. Cogn.**, v.1, n. 1, São Paulo, jun. 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55451999000100003. Acesso em: 02 set. 2016.
- GONZAGUINHA. **O que é, o que é?** Intérprete: Gonzaguinha. Álbum: Caminhos do Coração “É a vida, é bonita e é bonita!”, 1982. 1 CD. Faixa 1.
- GORDON, J.; SHENAR, Y.; PENDZIK, S. **Clown therapy**: A drama therapy approach to addiction and beyond. *The Arts in Psychotherapy*, v. 57, p. 88-94, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Susana_Pendzik/publication/257053513_Drama_therapy_role_theory_as_a_context_for_understanding_medical_clowning/links/5b201821a6fdcc69745cf3ef/Drama-therapy-role-theory-as-a-context-for-understanding-medical-clowning.pdf. Acesso em: 29 mar. 2019.
- HENDERSON, J. **Philosophy of clown**. 2005. Disponível em: <http://www.foolmoon.org/clown-philosophy>. Acesso em: 03 set. 2016.
- KRZNARIC, R. **O Poder da Empatia**: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. Rio de Janeiro: Zahar, 2015. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges.
- MARINHO, A. D. M. **O espírito do doutor palhaço**: palhaçoterapia e produção de saber em espiritualidade e humanização em saúde. 2015. 211 f. Dissertação - Mestrado em Saúde Pública, Universidade Federal do Ceará, 2015.

ROGERS, C. R.; ROSENBERG, R. **A Pessoa como Centro**. 8. ed. São Paulo: E.P.U. 1977.

SALIBA F. G. et al. Salivary cortisol levels: the importance of clown doctors to reduce stress. **Pediatric Reports**, v. 8, n. 1, p. 12-14, 2016. Disponível em:
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4821216>. Acesso em: 29 mar. 2019.